

# Pecuária familiar no Rio Grande do Sul

HISTÓRIA, DIVERSIDADE SOCIAL E DINÂMICAS DE DESENVOLVIMENTO

PAULO DABDAB WAQUIL | ALESSANDRA MATTE  
MÁRCIO ZAMBONI NESKE | MARCOS FLÁVIO SILVA BORBA  
ORGANIZADORES



# Pecuária familiar no Rio Grande do Sul



UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO RIO  
GRANDE DO SUL

---

Reitor

**Rui Vicente Oppermann**

Vice-Reitora e Pró-Reitora  
de Coordenação Acadêmica

**Jane Fraga Tutikian**

---

EDITORA DA UFRGS

Diretor

**Alex Niche Teixeira**

Conselho Editorial

**Carlos Pérez Bergmann**

**Claudia Lima Marques**

**Jane Fraga Tutikian**

**José Vicente Tavares dos Santos**

**Marcelo Antonio Conterato**

**Maria Helena Weber**

**Maria Stephanou**

**Regina Zilberman**

**Temístocles Cezar**

**Valquiria Linck Bassani**

**Alex Niche Teixeira**, presidente

# Pecuária familiar no Rio Grande do Sul

HISTÓRIA, DIVERSIDADE SOCIAL E DINÂMICAS DE DESENVOLVIMENTO

---

PAULO DABDAB WAQUIL | ALESSANDRA MATTE  
MÁRCIO ZAMBONI NESKE | MARCOS FLÁVIO SILVA BORBA  
ORGANIZADORES

Antônio Jorge Amaral Bezerra	Lovois de Andrade Miguel
Claudio Marques Ribeiro	Marco Antônio Verardi Fialho
Evander Eloí Krone	Rafael Gastal Porto
Fabiana Thomé da Cruz	Renata Menasche
Helen Osório	Rosani Marisa Spanevello
Jaqueline Sgarbi Santos	Tanice Andreatta
Jean François Tourrand	Valéria Dorneles Fernandes
Letícia Fátima de Azevedo	

© dos autores  
1ª edição: 2016

Direitos reservados desta edição:  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Carla M. Luzzatto  
Revisão: Carlos Batanoli Hallberg  
Editoração eletrônica: Fernando Piccinini Schmitt



---

P636 Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento / organizado por Paulo Dabdab Waquil ... [et al.] . – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016.  
288 p. : il. ; 16x23cm

Reimpressão 2016

(Série Estudos Rurais)

Inclui referências.

Inclui figuras, gráficos e tabelas.

1. Agricultura. 2. Pecuária. 3. Desenvolvimento rural. 4. Pecuária familiar – Rio Grande do Sul. 5. Pecuária familiar – História – Diversidade social – Dinâmicas de desenvolvimento. I. Waquil, Paulo Dabdab. II. Matte, Alessandra. III. Neske, Márcio Zamboni. IV. Borba, Marcos Flávio Silva. V. Série.

CDU 636 (816.5)

---

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.  
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0308-5

# A organização dos estabelecimentos de pecuária de corte de base familiar no Rio Grande do Sul

*Tanice Andreatta  
Paulo Dabdab Waquil  
Lovois de Andrade Miguel*

Por muito tempo se concebeu espaço agrário gaúcho a partir de uma divisão polarizada. Nesta perspectiva, o estado do Rio Grande do Sul encontrava-se “dividido” em uma Metade Norte, configurada por pequenos estabelecimentos, de caráter eminentemente agrícola. Por outro lado, a Metade Sul era caracterizada por estabelecimentos eminentemente pecuários (Suertegaray e Guasselli, 2004). Na esteira dessa discussão a atividade pecuária, sobretudo a bovinocultura de corte, em larga medida esteve associada ao latifúndio, estâncias e grandes extensões de terra. Também prevalecia a “visão” de uma atividade homogênea, sobretudo em relação ao tamanho dos estabelecimentos.

Do ponto de vista institucional, esta perspectiva começou a ser desmitificada a partir de 1999/2000, quando os extensionistas da Emater-RS identificaram uma “categoria social”, até então “invisível no estado”, pouco descrita, pouco estudada, ligada à bovinocultura de corte: os então denominados “pecuaristas familiares”. Cabe destacar que a Emater-RS foi a primeira instituição a descrever o criador de gado de corte de cunho familiar, numa tentativa de identificar o público a ser, prioritariamente, atendido pelos serviços de extensão rural (Ribeiro, 2003).

A partir deste momento, essa categoria social passou a ser analisada de forma mais sistemática, ganhando espaço nos meios acadêmicos e institucionais, contribuindo no sentido de desmitificar o “perfil” do pecuarista gaúcho, sobretudo no que se refere ao tamanho dos estabelecimentos e aos sistemas de criação. Um conjunto de estudos acadêmicos e institucionais (Cotrim, 2003; Ribeiro, 2003; Sandrini, 2005) buscaram caracterizar e analisar esse tipo de pecuarista para o estado do Rio Grande do Sul. Ribeiro (2009) resume os pecuaristas familiares como uma categoria que: a) pode ser identificada em praticamente todos os municípios do estado. Em municípios localizados na Serra do Sudeste do Rio Grande do Sul, os “pecuaristas familiares” correspondem a totalidade dos criadores de bovinos de corte; b) encontra-se dispersa em meio aos estabelecimentos maiores e distribuídos em todas as regiões dos municípios, com diferentes intensidades de ocorrência; c) apresenta uma rela-

tiva heterogeneidade no que se refere a disponibilidade de recursos produtivos, às produções, aos aspectos de comercialização, ao acesso às informações e aos anseios e expectativas quanto ao futuro; d) em sua grande maioria, utiliza os animais como mercadoria de reserva, conseqüentemente elevando a lotação animal por unidade de área, com o intuito de acumular mais mercadoria de reserva (Ribeiro, 2009).

Independentemente da categoria analisada, a perspectiva de rural “complexo e multifacetado” tem perpassado os trabalhos recentes relacionados à bovinocultura de corte no Rio Grande do Sul. Neste sentido, têm se multiplicado as análises que buscam compreender os pecuaristas e estabelecimentos envolvidos com a bovinocultura de corte que consideram elementos relacionados à família, formas de gestão e percepções dos pecuaristas, e não somente os tradicionais elementos técnicos.

De um modo geral, cada pecuarista e/ou cada estabelecimento tende a reunir as particularidades produtivas, históricas, sociais e culturais que fazem com que ele seja diferenciado, o que tende a forjar a diversidade observada nos espaços rurais. Neste contexto, busca-se caracterizar o perfil socioeconômico dos pecuaristas criadores de bovinos de corte de base familiar. Também é realizada uma análise a partir de indicadores técnico-produtivos, de eficiência econômica e dos sistemas de decisão, ou seja, a forma como são conduzidos os estabelecimentos agrícolas destes pecuaristas.

A caracterização e análise da pecuária familiar no estado do Rio Grande do Sul, ocorreu a partir de 249 observações, extraídas de uma base de dados composta por 516 observações,<sup>1</sup> estratificadas em quatro grandes grupos de pecuaristas,<sup>2</sup> através das técnicas de análise fatorial e análise de *clusters*. A análise da distribuição de pecuaristas de base familiar, considerando suas localizações nas diferentes regiões do estado, ocorreu a partir do teste do *Qui Quadrado de Pearson*. O software utilizado foi o SPSS 18.

O presente texto está organizado, além da introdução e das considerações finais, em quatro seções. A primeira trata de uma revisão sobre as principais abordagens relacionadas à diversidade dos espaços rurais. A segunda seção trata da análise dos resultados relacionados aos indicadores técnico-produtivos e de eficiência econômica da “pecuária familiar”. A terceira seção trata dos aspectos sociais e de tomada de decisão na “pecuária familiar”. A quarta seção trata de

---

<sup>1</sup> A base de dados utilizada provém do “Diagnóstico de sistemas de produção de bovinocultura de corte do estado do Rio Grande do Sul”. No entanto, os critérios de tipificação são diferenciados daqueles do Diagnóstico (tipificação pelos sistemas de criação e/ou produção). Os dados foram coletados no ano de 2004 e compreende pecuaristas de 117 municípios do estado do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> A metodologia, bem como os quatro grandes grupos, está apresentada e analisada de forma detalhada na tese de doutoramento da primeira autora, no ano de 2009, sob orientação dos demais autores.

uma análise regionalizada, e contempla uma correlação entre a localização destes pecuaristas no espaço agrário sul-rio-grandense e as características regionais.

### **Organização de estabelecimentos e diversidade nos espaços rurais**

As transformações ocorridas no contexto do rural, influenciadas sobremaneira pelo período da modernização da agricultura (intensificação do uso da mecanização, de insumos, fertilizantes e defensivos químicos), não homogeneizaram os espaços e as formas de produção agrícolas. A coexistência de diversos tipos de produtores e maneiras diferenciadas de exploração e uso da terra, no contexto do rural, forja diferentes formas de produção agrícola.

A organização do estabelecimento agrícola, analisado de maneira abrangente, pressupõe o estudo do conjunto de decisões e de ações produzidas por pessoas, indivíduos ou grupos. Estes agem em um ambiente com vistas a satisfazer os objetivos traçados para o estabelecimento. Assim, o estabelecimento agrícola é o resultado de uma combinação de vários elementos imbricados internamente e das relações que se estabelecem com o ambiente externo. Além dos aspectos relacionados aos sistemas técnicos, a incorporação de elementos vinculados à família, as percepções e comportamentos dos agricultores e o ambiente externo, são fatores determinantes na organização e gestão dos estabelecimentos (Chia et al., 2003; Ondersteijn, Giesen e Huirne, 2003; Ocaña, 1996).

Neste sentido, os múltiplos objetivos relacionados à estrutura dos negócios familiares e como estes passam a ter influência nas decisões e ações dos agricultores, também são analisados. Dossa (1997) expõe que as pessoas se comportam racionalmente, de acordo com as convicções que elas possuem. O comportamento é uma função da informação e/ou das próprias convicções dos agricultores em relação a determinados aspectos.

De acordo com Dent, Edwards-Jones e McGregor (1995, p. 339), as “pessoas” são fundamentais para a compreensão dos sistemas de produção implementados em nível de um estabelecimento agrícola. Assim, o elemento mais crucial na organização de um estabelecimento é o agricultor que coordena o sistema produtivo (Miguel, 2009). O agricultor é o responsável pela tomada, execução e monitoramento das decisões. Assim, o agricultor possui um importante papel em determinar o tamanho e a forma de intervenção nos sistemas naturais. Neste tipo de intervenção, é importante considerar a existência de um elevado grau do componente sociocultural. Assim, para entender a organização do estabelecimento agrícola é elementar entender o agricultor, a estrutura produtiva e os critérios de gestão como elementos constituintes do centro decisor.



Neste contexto, aspectos demográficos, econômicos e sociais podem influenciar fortemente nas crenças e, conseqüentemente, no comportamento dos agricultores. Convém lembrar que os sistemas que envolvem a agropecuária operam no contexto de um ambiente dinâmico e intercambiável, coordenado por fatores externos (político, social e econômico) e internos (produtivo, social e estrutural). Os efeitos das interações destes fatores levam a um processo de tomada de decisão dinâmico, estreitamente correlacionado com a dinâmica de evolução dos objetivos do agricultor e da sua família (Dent, Edwards-Jones e Mcgregor, 1995; Gasson, 1973; Ondersteijn, Giesen e Huirne, 2006). Neste contexto, os fatores edafoclimáticos, que são elementos variáveis de região para região, as características econômicas e políticas institucionais regionais, a estrutura do mercado de insumos e produtos, o mercado consumidor, a disponibilidade de força de trabalho, as políticas fundiárias e agrícolas, e a percepção que os agricultores têm em relação a estes respectivos fatores, precisam ser considerados de forma efetiva.

De uma forma mais ampla, a dinâmica do território em que os produtores estão inseridos também influencia nas formas de organização dos estabelecimentos, pois as interações que se estabelecem são complexas e multifacetadas. Ao se reportar à complexidade da agricultura familiar, expõe Lamarche (1993, p. 18) “que a agricultura não é um elemento da diversidade, mas, contém nela mesma, a diversidade”. Nesse sentido, as possibilidades decorrentes de diferentes contextos, sejam eles, biofísicos, socioculturais e econômicos, por si só, são elementos suficientes para criar situações diversas e formas diferenciadas de agricultura.

Em síntese, a diversidade de situações observada no meio rural possui múltiplas dimensões, decorrentes de características (edafoclimáticas, técnico-produtivas, político-econômicas, socioculturais, comportamentais) que estão permanentemente em interação, e em larga medida, são indissociáveis. As interações que se estabelecem entre as esferas da produção, os objetivos dos agricultores e sua família, e a articulação ante as restrições e possibilidades internas e externas ao estabelecimento e às características regionais, contribuem sobremaneira para forjar essa diversidade de pecuaristas, de sistemas de produção e de tomada de decisão.

Características técnico-produtivas e socioeconômicas de pecuaristas e/ou estabelecimentos de bovinos de corte de base familiar

A bovinocultura de corte de base familiar está presente em diferentes regiões do estado do Rio Grande do Sul e apresenta configurações variadas. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2006), do total de estabelecimentos envolvidos na pecuária de corte, 86,0% deles são de natureza familiar. Do total de 11,2 milhões de cabeças do rebanho bovino

gaúcho, 36,3% encontram-se em propriedades familiares. Esses dados, em larga medida, demonstram a importância socioeconômica da pecuária familiar no estado.

Com base na estratificação do agrupamento de 249 pecuaristas que possuem fortes características de pecuária familiar,<sup>3</sup> identificado por Andreatta (2009), a partir da análise fatorial e da análise de *Clusters*, pode-se inferir que a principal atividade produtiva dos estabelecimentos é a bovinocultura de corte, realizada basicamente sobre o campo nativo. Os indicadores de desempenho técnico-produtivos e de eficiência econômica são bastante baixos e na média geral negativos (Quadro 1), o que torna os pecuaristas deste perfil bastante dependentes de recursos de outras fontes de renda. Apesar do ingresso de recursos advindos de outras fontes de renda, estes pecuaristas encontravam-se, no período da pesquisa, fragilizados economicamente, em larga medida devido os baixos preços do gado bovino no período da pesquisa de campo, no ano de 2004.

De um modo geral, o tamanho médio dos estabelecimentos deste conjunto de pecuaristas é de 605,21 ha, no entanto, praticamente a metade deles explora uma área de até 250 hectares (Quadro 1). Estes pecuaristas predominantemente produzem sobre áreas próprias, na condição de proprietários. Mesmo assim observa-se a utilização de áreas “de” terceiros e a disponibilização de áreas “para” terceiros para realizar a produção, sendo que parte deles combinam estas duas formas. Esta tem sido uma estratégia recorrente para aumentar as áreas de exploração no primeiro caso; e no segundo caso, assegurar o ingresso de recursos na forma de arrendamento direto, ou mesmo para garantir áreas de pastagens cultivadas no período do inverno (Quadro 1).

O comportamento dos “pecuaristas familiares”, em relação à utilização de áreas de terceiros e disponibilização de área para terceiros tende a ser um reflexo da desvalorização da atividade pecuária e da valorização das atividades relacionadas às lavouras. Bierhals e Ferraz (2008) comentam que em períodos desfavoráveis à pecuária e, ainda, favoráveis às lavouras (período 2001-2006), ocorrem rearranjos em relação à utilização da terra. Em locais onde esses rearranjos têm sido possíveis, a bovinocultura de corte tem sido “remetida” para as terras de pior qualidade, em decorrência da rentabilidade esperada dessas terras. Como consequência ocorre a expansão das áreas de lavouras. De acordo com Associação Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural – Emater-RS – (2005), no Rio Grande do Sul, entre os anos

---

<sup>3</sup> Apesar de não atender plenamente principalmente o critério do tamanho da área e o da renda familiar, estes pecuaristas trazem na sua forma de exploração e uso da terra, nas estratégias de reprodução, na utilização da mão de obra, bem como na tomada de decisão fortes características da “pecuária familiar”.

1999-2005, a estimativa foi de um aumento de aproximadamente um milhão de hectares das áreas de cultivo.

**QUADRO 1**  
**Indicadores técnico-produtivos e econômicos de pecuaristas de base familiar no estado do Rio Grande do Sul no ano de 2004**

<b>Especificação</b>	<b>Aspectos mais representativos</b>
Estrutura Fundiária e Uso da terra	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Estabelecimentos de menor tamanho (predomínio de EA entre 520 e 700 ha);</li> <li>– Aproximadamente 85% da área dos EA aptas para exploração agropecuária;</li> <li>– Aproximadamente 80% da área constituída por áreas próprias;</li> <li>– Basicamente pastagens; predomínio do campo nativo.</li> </ul>
Características produtivas da Bovinocultura de Corte	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Número de an. Bovinos: em torno de 340 ua;</li> <li>– Área de pastejo: entre 300 ha e 540 ha;</li> <li>– Lotação da área de pastejo (em torno de 1,13 ua total/ha);</li> <li>– Predominantemente cruzamento entre raças zebuínas e gado geral;</li> <li>– Sistema de criação predominante é do tipo cria e ciclo completo;</li> <li>– Presença de bovinos rastreados em poucos EA (em torno de 10% dos EA);</li> <li>– Produtividade da terra da bovinocultura de corte muito baixa (em torno de 33,00 R\$/ha).</li> </ul>
Composição do Produto Bruto e Rendas	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Predomínio da participação da bovinocultura de corte na composição do PB total;</li> <li>– Contribuição da renda agrícola na composição da Renda Total muito baixa (em torno de 11%);</li> <li>– Contribuição de todas Outras Rendas na composição da renda total expressiva;</li> <li>– Nível de endividamento baixo (em torno de 0,80% do capital imobilizado);</li> <li>– Taxa de lucro média negativa (em torno de - 2%).</li> </ul>

Fonte: Andreatta (2009) com base em Sebrae, Senar e Farsul (2005).

O sistema de produção predominante destes pecuaristas está baseado na criação de bovinos de maneira extensiva. Mais de 85% da superfície agrícola útil (SAU) é ocupada com pastagens, destas, em torno de 83%, predominantemente com campo nativo. Por outro lado, estes pecuaristas apresentam um baixo percentual médio de área útil ocupada com pastagens cultivadas e lavouras anuais (Quadro 1). Em larga medida, estas áreas de pastagens cultivadas cumprem uma função de “hospital”, sendo utilizadas basicamente para alocar os animais doentes, com maior deficiência nutricional, como as vacas prenhas

ou após a parição. Ainda que pequenas áreas são consideradas estratégicas, pois são um recurso importante para a recuperação dos animais.

O tamanho médio do rebanho bovino gira em torno de 350 unidades animais (ua). Em contrapartida, a lotação média das áreas de pastejo bovino e total pode ser considerada alta (0,98 ua/ha de bovinos e 1,13 ua/ha total) e tende a não obedecer critérios claros para ajustar a carga animal (Quadro 1). Assim, parece não haver uma análise mais equilibrada relacionada ao tipo e as condições das áreas de pastejo, das condições edafoclimáticas, das estações do ano e das regiões onde os estabelecimentos estão localizados. Nabinger (2006) expõe que, como consequência, além da baixa produtividade obtida, a carga animal elevada por um período contínuo pode acarretar a degradação do principal recurso de produção destes pecuaristas e de um bioma que contém uma rica biodiversidade, que é o campo nativo.

Costa e Rehman (1999) destacam que o paradoxo da “superlotação do campo” está estreitamente relacionado ao fato de que o “estoque de animais” se constitui um fim em si mesmo. A incerteza em relação ao futuro, associado a fatores econômicos, como o receio de longos períodos de inflação, a fragilidade social e das instituições econômicas brasileiras induzem os pecuaristas a considerar o rebanho como uma reserva de valor. A segurança também é um elemento importante, uma vez que o gado é um produto que possui liquidez, pois pode ser prontamente vendido em períodos de dificuldades.

Considerando o padrão racial do rebanho, é expressivo o percentual de estabelecimentos de “pecuária familiar” onde predominam animais “sem raça definida” (41,77%) e cruzamentos variados com raças zebuínas (42,97%). É importante ressaltar que estas características não são uma particularidade somente dos estabelecimentos de pecuaristas de base familiar. A falta de uma genética mais padronizada do rebanho bovino gaúcho pode ser considerada um problema estrutural, relacionado à forma como a atividade foi se moldando ao longo do tempo. Devido à sensibilidade das raças europeias trazidas para o Rio Grande do Sul entre o final do século XIX e início do século XX, os animais dessas raças foram sendo “cruzados” com os de raças zebuínas, o que os atribuía uma rusticidade maior, capaz de suportar as adversidades advindas de fatores climáticos, alimentação e sanidade (Fontoura, 2000; Mielitz Neto, 1994).

Em relação aos indicadores de eficiência agroeconômica relacionados à bovinocultura de corte, mais especificamente dos pecuaristas de base familiar considerados na análise, no geral, a média observada é bastante baixa. A Margem Bruta da Bovinocultura de Corte e a Margem Bruta por área média de pastejo é positiva, porém extremamente baixa. Os indicadores relativos à margem bruta demonstram que o valor apurado, no ano de 2004, com a comercialização do rebanho permitem remunerar basicamente os custos de

produção, não remunerando as despesas de capital, impostos, despesas financeiras, assim como a mão de obra familiar.

O dispêndio em insumos por unidade bovina total apresentado é, em geral, bastante reduzido. Associado ao perfil das pastagens pode-se assumir que estes pecuaristas, majoritariamente desenvolvem a bovinocultura basicamente dependendo dos recursos naturais, e com baixa utilização de insumos. No entanto, quando se compara a relação custo-benefício (insumos-receita), principalmente quanto os preços do produto (no caso o gado) como os vigentes no período da pesquisa de campo, esse tipo de pecuarista tende a levar vantagem no preço unitário de comercialização. Isto decorre do fato que a reduzida utilização de insumos externos acarreta um baixo custo de produção, uma vez que a atividade está baseada na utilização dos recursos disponíveis em nível do estabelecimento (mão de obra familiar e campo nativo).

Os indicadores relacionados à renda agrícola também podem ser considerados baixos e na média, negativos. A grande maioria destes pecuaristas obtém recursos de outras fontes de renda. Entre as rendas externas, destaca-se ingressos de recursos provindos do arrendamento de áreas do estabelecimento, para terceiros. Também é importante a contribuição das aposentadorias e das rendas não agrícolas. Apesar de significativo o ingresso destes recursos, *a priori*, no período da pesquisa eles não foram suficientes para subsidiar os déficits das atividades produtivas, e ainda, garantir a reprodução social desses pecuaristas. Por outro lado, o nível de endividamento pode ser considerado bastante baixo, girando em torno de 0,90% do capital imobilizado, e sugere que os pecuaristas são bastante cautelosos quando se trata de contrair financiamentos ou empréstimos, evitando uma maior exposição ao risco do patrimônio existente.

Quando se trata de avaliar a renda agrícola (ou seja a capacidade de geração de recursos que permita remunerar a mão de obra familiar e ainda a possibilidade de realização de investimentos), somente 14% dos pecuaristas obtiveram renda agrícola média positiva (R\$ 12.823,04/ano). Apesar de permitir a remuneração mínima da mão de obra familiar (R\$ 3.671,50 UTH/ano), a mesma pode ser considerada baixa e não habilita os “pecuaristas familiares” a realizarem investimentos de qualquer natureza. Quando se considera a Renda Total, 133 pecuaristas (53,41%) dos pecuaristas deste perfil passam a apurar resultados positivos. Isso demonstra que em 72,93% (97 EA) dos estabelecimentos, o ingresso de recursos de outras fontes de renda é de suma importância e, em larga medida, financia as atividades agropecuárias (Quadro 1).

A produção e a geração de renda agrícola deste conjunto de pecuaristas dependem significativamente das condições naturais e dos preços dos bovinos.

Como a utilização de insumos, no que concerne à bovinocultura, é muito baixa, a renda agrícola depende basicamente dos preços de mercado dos produtos comercializados. Dessa maneira, em períodos de crise e de fase de preços baixos, como o do período da pesquisa de campo, a capacidade de geração de renda tende a ser muito baixa. Quando os preços de mercado aumentam, estes pecuaristas conseguem obter rendas mais expressivas, mas não necessariamente o movimento de preços é suficiente para impulsionar investimentos em pastagens cultivadas (quando as condições de solos e relevo permitem), em melhoramento de campo nativo e no rebanho.

Quanto ao calendário de trabalho, em média, dedicam em torno de cinco dias a seis dias de trabalho por semana no estabelecimento. Em relação à disponibilidade de mão de obra, em torno de 60% provém de pessoas da família para a realização das atividades.

No contexto das atividades agrícolas, a bovinocultura de corte é compatível com outras atividades fora do estabelecimento. Aos moldes extensivos, o calendário da bovinocultura de corte é flexível, demandando menor disponibilidade de mão de obra, e permitindo aos pecuaristas realizarem as tarefas de acordo com a sua disponibilidade de tempo. No Rio Grande do Sul, a bovinocultura de corte também está muito associada à tradição e a cultura, isso pode levar a situações em que o estabelecimento está relacionado a aspectos lúdicos e aos estilos de vida. Nestes casos, constata-se que a eficiência produtiva e os rendimentos da atividade agrícola, podem ser objetivos secundários.

Quanto ao ingresso de rendas não agrícolas, pode-se denotar duas situações. A primeira, amplamente estudada no âmbito da agricultura familiar, pode estar associada a uma estratégia de incremento de renda do estabelecimento, sobretudo em períodos de crise agrícola. A segunda situação relaciona-se à disponibilidade de mão de obra ou aos objetivos diferenciados dos agricultores, fatores que podem levar integrante(s) da família a buscar trabalho fora do estabelecimento (Silva, Del Grossi e Campanhola, 2005).

### **Aspectos socioculturais, características e percepções de pecuaristas e/ou estabelecimentos de bovinos de corte de base familiar**

A compreensão do funcionamento de um estabelecimento agrícola passa, necessariamente, pela compreensão da lógica e racionalidade do agricultor e sua família (Miguel, 2009). Entendido dessa forma, o manejo, as práticas e os investimentos tendem a ser reflexos de uma “análise” que o agricultor realiza, considerando as possibilidades e restrições dos recursos disponíveis e de seus objetivos.

As características dos pecuaristas demonstram que a idade média dos responsáveis pelos estabelecimentos é de 58 anos, a média de anos que frequentaram a escola varia em torno de oito anos e o tamanho médio da família relacionada à atividade pecuária é de aproximadamente três pessoas.

O nível de escolaridade, em média, pode ser considerado baixo. No entanto, quando se consideram os(as) filhos(as) dos proprietários como os(as) responsáveis pelo estabelecimento, o nível de escolaridade é mais elevado (Quadro 2). Também é mais expressivo o percentual daqueles que possuem educação formal vinculada à agropecuária. Tal comportamento, em larga medida, denota uma situação mais favorável dos possíveis sucessores e herdeiros, no que se refere a continuidade das atividades produtivas. Ondersteijn, Giesen e Huirne (2003) concluíram que as características dos agricultores, principalmente o nível educacional, possui influência significativa sobre as suas escolhas estratégicas. Salientam os autores que um maior nível de educação tende a possibilitar uma melhor interpretação das informações, sendo um aspecto importante para a realização de mudanças e adaptações no estabelecimento.

Considerando que é uma característica das pessoas que possuem relação estreita com a terra, e ainda, reforçada pelos fortes laços com a tradição que envolve a atividade da pecuária de corte, é natural que os pais desejem que seus filhos(as) deem continuidade ao estabelecimento agrícola. De um modo geral, estes pecuaristas manifestam um forte desejo de permanecer envolvidos com a agricultura/pecuária; em torno de 66% dos pecuaristas apresentaram a perspectiva de que pelo menos um(a) dos(as) filhos(as) dê continuidade ao estabelecimento (Quadro 2). Apesar de significativo, entre este conjunto de pecuaristas se observa um sentimento de incerteza em relação à sucessão. Essa situação pode ser decorrente das dificuldades econômicas em que se encontram os respectivos estabelecimentos. Alguns pecuaristas entendem que outras atividades não agrícolas podem oferecer uma possibilidade de futuro mais estável para os seus descendentes.

Outro elemento a considerar quando se trata de analisar os arranjos que o agricultor realiza para organizar o funcionamento do estabelecimento, é a forma como ele se insere na comunidade local e regional. Esta relação permite identificar os vínculos, os locais de troca de informação e os atores sociais com quem os pecuaristas se relacionam. Normalmente estes ambientes tendem a ser o *locus* onde ocorrem as reuniões e possíveis espaços de difusão de informações, seja entre os próprios pecuaristas, seja entre pecuaristas e equipes técnicas. Conforme o Quadro 2, o canal de informação mais utilizado por este conjunto de “pecuaristas familiares” é a televisão (45,78% dos entrevistados); seguido dos dias de campo, palestras e cursos (16,06% dos entrevistados).

## QUADRO 2

### Aspectos técnico-produtivos, socioeconômicos e de percepção de pecuaristas de base familiar no estado do Rio Grande do Sul no ano de 2004

Indicadores	Aspectos mais representativos
Características dos pecuaristas, informação e inserção social	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Idade média do responsável pelo EA: 58 anos;</li> <li>– Tamanho médio da família: três pessoas;</li> <li>– Número de anos de frequência na escola: em torno de oito anos;</li> <li>– Previsão de possíveis sucessores é verificada em torno de 66% dos EA;</li> <li>– Decisões produtivas estão concentradas no chefe do EA;</li> <li>– Meios de informação se constituem basicamente na televisão e dias de campo, palestras e cursos;</li> <li>– Participam predominantemente no sindicato patronal; cooperativas e associações locais de produtores.</li> </ul>
Motivações e percepções dos pecuaristas	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Principais motivações para atuar na bovinocultura são a tradição e satisfação pessoal;</li> <li>– Autodenominam-se, predominantemente, produtores rurais e pecuaristas familiares e pecuaristas;</li> <li>– Investimentos prioritários em compra de terras e bovinocultura de corte;</li> <li>– Incerteza e preços baixos são os principais problemas relacionados à bovinocultura;</li> <li>– Comercializam gado, principalmente quando precisam de dinheiro e quando precisam liberar o campo.</li> </ul>
Regionalização	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Localizam-se predominantemente nas regiões de Campos de Cima da Serra, da Depressão Central Leste, Vale do Alto Uruguai e Encosta do Nordeste.</li> </ul>

Fonte: Andreatta (2009) com base em Sebrae, Senar e Farsul (2005).

A principal entidade de classe é o sindicato patronal, embora identifique-se um número razoável de pecuaristas vinculado ao sindicato dos trabalhadores (20,88%). Aproximadamente 43% afirmaram serem sócios de cooperativas e aproximadamente 36% manifestaram participação em associações locais de produtores e/ou criadores. Cezar (1999), analisando o comportamento de pecuaristas no Mato Grosso do Sul, identificou que existem fortes laços de confiança entre os pecuaristas. Segundo o autor, essa relação de confiança proporciona que as trocas de informações e de experiências sejam socializadas entre os próprios pecuaristas.

As decisões produtivas são basicamente realizadas pelo chefe e/ou responsável pelo estabelecimento agrícola e denotam uma centralização expressiva. Ainda, em relação às decisões produtivas, em torno de 30% dos “pecuaristas



familiares” afirmaram terem alterado os seus respectivos sistemas de produção entre os anos de 2001 e 2004. A principal alteração implementada consistiu no aumento das áreas de lavouras (principalmente devido ao arrendamento de áreas para terceiros), com redução do efetivo do rebanho.

O uso de recursos informatizados, para a gestão do estabelecimento, ainda são muito pouco utilizados. O principal tipo de utilização ocorre basicamente para o controle contábil. Aproximadamente 8% do total de “pecuaristas familiares” utilizam a informatização para gestão de processos e registros de animais, por exemplo.

Em relação aos processos de gestão e tomada de decisão, pode-se concluir que os pecuaristas criadores de bovinos apresentam um comportamento administrativo bastante centralizador. Neste sentido, constata-se que as decisões são atribuições do chefe ou responsável pelo estabelecimento, estes majoritariamente do sexo masculino. Muito provavelmente, esta configuração está associada com o tamanho da família e a natureza da atividade. Estes resultados se assemelham aos identificados por Cezar (1999), que identificou que 89,4% das decisões de pecuaristas do Mato Grosso do Sul são realizadas por indivíduos do sexo masculino (Quadro 2).

Entre as principais motivações deste grupo de pecuaristas para criar bovinos de corte, destaca-se a tradição e satisfação familiar (28,92% e 27,71% dos pecuaristas), respectivamente. Assim mais de 50% revelam motivações de ordem não econômica como um fator importante para atuar na bovinocultura de corte. De acordo com Billaud (1998, p. 175), “ao se conhecer a percepção dos agricultores sobre sua ocupação, ou sobre determinadas decisões que ele realiza, é possível fazer dela um indício mais geral do sistema de valores que organiza as condutas individuais”.

Estas motivações, em parte, tendem a ser decorrentes das características da bovinocultura de corte, ou seja, uma atividade secular, vinculada à formação histórica do estado. Além disso, os processos de fracionamento e herança também podem ser um dos fatores que contribui para esse comportamento, uma vez que é expressiva a presença de pecuaristas *part-time*, que atuam na bovinocultura de corte e em outras atividades paralelas. A presença de outras atividades e/ou outras fontes de renda tendem a contribuir para a reprodução social do pecuarista e da família; podendo ser um fator que também ajude a explicar o fato destes elencarem a tradição e a satisfação pessoal, como as motivações mais significativas para atuarem na bovinocultura de corte.

Em relação às questões da comercialização, 96% dos “pecuaristas familiares” entrevistados mencionaram os preços baixos do gado como um dos principais entraves, relacionados ao comércio de gado. Esse alto percentual é justificável, pois, no período da pesquisa o quilo do boi vivo variava entre R\$

1,40 e R\$ 1,60, podendo ser considerado bastante baixo. Esta situação era oposta ao comportamento dos preços dos insumos, embalado pelo momento favorável vivido pelas atividades de lavoura. Esse “descolamento” dos preços de insumos e produto na pecuária, em larga medida, se mostra relevante pois a base da alimentação pecuária, assim como alguns insumos relacionados às pastagens têm uma relação estreita com os insumos da lavoura. Além disso, como esses pecuaristas produzem com base nos recursos naturais disponíveis em nível do estabelecimento, o preço é um elemento chave para auferir uma maior taxa de lucro.

Outro fator identificado como sendo um problema por parte dos pecuaristas consiste na distância de seus estabelecimentos em relação aos frigoríficos ou açougues. Dois fatores tendem a estar associados a esta relação. A primeira decorre de uma questão de transporte e logística, ou seja, da distância e as condições de acesso em relação aos frigoríficos regionais e centros consumidores, que dificultam a comercialização e o escoamento da produção. A segunda pode ser verificada em estabelecimentos com menor área, não somente a distância, mas também a escala de produção/comercialização e os objetivos do pecuarista podem explicar as dificuldades encontradas com a comercialização da produção. A dificuldade em obter uma “carga fechada”, por exemplo, pode ser uma limitação nos processos de comercialização. Essa situação foi identificada por Sandrini (2005) em um estudo sobre comercialização, mercados e inserção de pecuaristas familiares, na cadeia da carne bovina.

Quando se trata de “decidir” o momento de realizar a comercialização, majoritariamente os pecuaristas mencionam a identificação do “melhor preço”. Contudo, em larga medida o preço é determinado sob condições de oferta e demanda e somente em situações muito específicas os pecuaristas possuem poder de barganha suficiente para interferir no preço do gado. É muito comum a comercialização ocorrer em decorrência de uma necessidade de liberação do campo, mas principalmente pela necessidade de auferir rendas, em situações adversas. Visto desta forma, entende-se que o “pecuarista familiar” raciocina na lógica da maximização do número de animais, em detrimento da produção/ produtividade. Como consequência, a comercialização não se efetiva mediante uma oportunidade de mercado ou quando os animais estão aptos para o abate, mas mediante alguma emergência. Nessa situação, vende-se a quantidade de animais necessária e, normalmente, para outros pecuaristas.

Os estabelecimentos em que o sistema de criação é do tipo cria ou cria/recria, os terneiros se constituem em um ativo de elevada liquidez, passíveis de serem transformados em dinheiro rapidamente. A mesma situação é identificada em relação à necessidade de liberar áreas de campo. De um modo geral, esses pecuaristas comercializam mediante pressões advindas da necessidade de

auferir rendas, ou da necessidade de aliviar a pressão das áreas de pastejo. Este tipo de comportamento do pecuarista pode ser um dos principais motivos que dificultam o ajuste da carga animal.

Em sistemas de criação do tipo cria e cria/recria, é recorrente a transação ser realizada “entre pecuaristas” e, ainda, frequentemente os compradores e vendedores são de uma mesma região. Assim, o grau de confiança, o conhecimento e a possibilidade de repatriar o gado se constitui em uma transação de menor risco.

A mesma situação é verificada em relação ao padrão racial. De um lado, o desejo de praticamente todos os pecuaristas de obter um valor diferenciado em função da raça; de outro, aproximadamente 35% dos pecuaristas reconhece os problemas decorrentes da “falta de um padrão de raça”, por exemplo (Quadro 1). Entre os estabelecimentos considerados na pesquisa, além da quantidade significativa daqueles que possuem rebanho “sem raça definida”, foi identificada a existência de mais de 30 tipos de cruzamentos raciais. No entanto, a qualidade e a padronização, juntamente com aspectos relacionados à sanidade, são as principais exigências dos agentes compradores, pois na ponta da cadeia estão consumidores e importadores também exigentes. Esses fatores, cada vez mais, pressionam os pecuaristas a se adequarem às exigências dos consumidores.

Neste contexto, essa perspectiva de investimentos futuros, tomada de forma isolada, revela um paradoxo, pois à medida que os pecuaristas mencionam a crise na bovinocultura, a aquisição de mais áreas de terras e o investimento na bovinocultura de corte se constituem nos principais anseios desses mesmos pecuaristas. No entanto, essa manifestação é compreensível quando se considera, por exemplo, o elevado percentual de pecuaristas que desejam permanecer atuando na agricultura/pecuária e o desejo de que seus sucessores deem continuidade ao estabelecimento. Isso pode estar relacionado à tradicional associação de que a bovinocultura de corte é viável em estabelecimentos maiores, ou ainda à tradição da bovinocultura.

### **Distribuição de pecuaristas de base familiar no espaço agrário sul-rio-grandense**

Esta seção trata de uma análise da distribuição dos pecuaristas no espaço agrário do Rio Grande do Sul. Neste contexto, buscou-se identificar as regiões onde há a predominância de pecuaristas de base familiar, considerados na amostra. O procedimento estatístico utilizado foi o Qui Quadrado de Pearson, amplamente utilizado para esse tipo de relação.

Em linhas gerais é preciso considerar que os pecuaristas de base familiar, com suas características e especificidades, são encontrados em todas as regiões do estado do Rio Grande do Sul. No entanto, com base no conjunto de observações considerados na pesquisa, eles estão localizados em maior número nas regiões de Campos de Cima da Serra, Depressão Central Leste, Encosta do Noroeste, Serra do Sudeste e Vale do Alto Uruguai.

A concentração de pecuaristas de base familiar, considerando a amostra de cada região específica, varia entre 70% e 100%, com exceção da região de Campos de Cima da Serra, onde esse percentual é um pouco menor. No entanto, essas regiões possuem especificidades que, em larga medida, condicionam essa configuração.

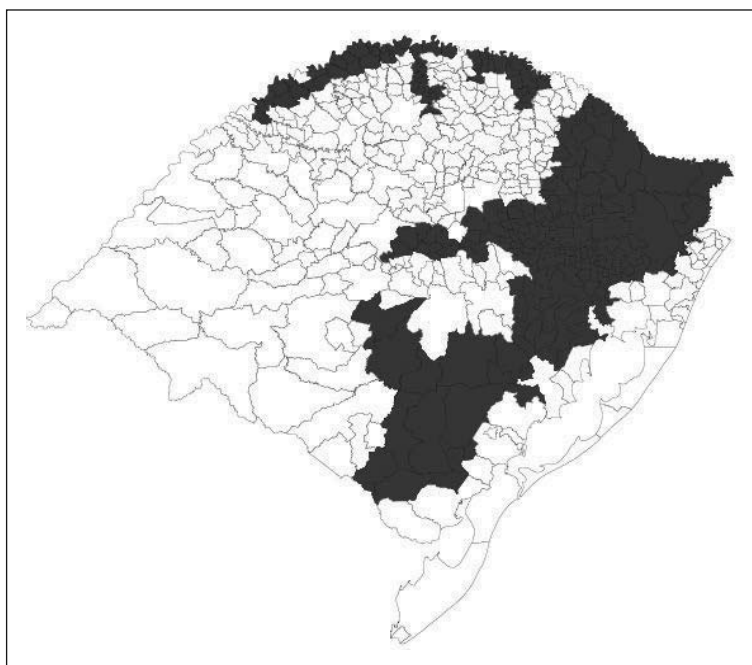


Figura 1 – Regiões do estado Rio Grande do Sul com predomínio de pecuaristas de base familiar no ano de 2004

Fonte: Andreatta (2009), com base em Sebrae, Senar e Farsul (2005).

Nas regiões com predominância de pecuaristas de base familiar, se comparada com as demais regiões (Planalto, Campanha Meridional, Campanha Sudoeste e Planície Costeira), apresentam áreas de campo nativo de menor qualidade. As possibilidades de constituição de pastagens permanentes, campo

nativo melhorado e pastagens cultivadas esbarram, na maioria das vezes, nas dificuldades técnicas para esse tipo de procedimento, e também nas dificuldades econômico-financeiras dos produtores.

Nas regiões em que predominam núcleos de agricultura e pecuária familiar, o tamanho das áreas de campo nativo varia entre 70 e 150 ha, e o sistema de criação predominante é a cria. Assim, a comercialização de terneiros acaba sendo em pequena escala, realizada quase sempre com vizinhos, em decorrência da necessidade de dinheiro para alguma eventualidade, ou mesmo com vista a liberação do campo.

Nas regiões típicas de colônia no Rio Grande do Sul, como o Alto Uruguai e a Encosta do Nordeste, a bovinocultura de corte, em larga medida, se constitui em uma atividade secundária. Nestas regiões, a pecuária de corte é realizada como forma de potencializar áreas de difícil aproveitamento para outras atividades agrícolas, ou ainda, como uma alternativa à falta de mão de obra e à idade avançada dos proprietários do estabelecimento.

A questão da idade avançada dos pecuaristas assim como a falta de mão de obra, é também percebida nas demais regiões, onde a bovinocultura de corte é a atividade agropecuária principal. Tal situação acarreta um número significativo de pecuaristas atuando na bovinocultura de maneira tradicional, na sua grande maioria sem primar por padrão genético, melhoramento das áreas de pastejo e índices de lotação adequados.

As regiões mais tradicionais na bovinocultura de corte (Serra do Sudeste, Depressão Central Leste e Campos de Cima da Serra) apresentam como transformação recente o florestamento com espécies exóticas, para a exploração comercial. Entre os pecuaristas de base familiar nas regiões da Encosta do Nordeste e Depressão Central Leste, por exemplo, entre 70% e 75% dos estabelecimentos possuem cultivos de florestas exóticas sendo que aproximadamente 15% da área dos estabelecimentos estão ocupadas com essa atividade.

Um dos elementos que nos permite explicar a configuração dos perfis de pecuaristas está relacionado ao uso da terra e aos aspectos técnico-produtivos e econômicos, muito embora, fatores relacionados aos aspectos não econômicos contribuam para explicar essa estratificação. Dessa forma, o agrupamento de regiões obedece, considerando o perfil dos pecuaristas, em larga medida, às possibilidades do acesso e uso da terra, e todas as implicações relacionadas com esse importante fator de produção.

Ainda que não se tenha realizado uma discussão mais aprofundada sobre a divisão clássica entre estabelecimentos pecuários tradicionais e empresariais, é possível inferir que os pecuaristas de base familiar tendem a caracterizar um típico pecuarista ou um estabelecimento de bovinocultura tradicional, prati-

cada aos moldes extensivos. Aparte a discussão sobre preços e as variáveis que explicam a variância dos dados, pode-se imputar que a “tradição” seja um dos principais fatores que explica a presença significativa deste tipo de pecuaristas em todas as regiões do estado. A tradição pode ajudar a explicar inclusive a existência deste tipo de pecuaristas em locais em que as particularidades de relevo e formas de ocupação permitem a diversificação das atividades agrícolas.

Neste contexto, os pecuaristas que reúnem essas características são menos sensíveis à variação de preços, dessa forma menos propensos a investimentos em tecnologias, ainda que isso implique em apurar produtividade e rendimentos muito baixos e até mesmo negativos, em períodos de crise, como o verificado no período da pesquisa. Essa renúncia à busca de alternativas e investimentos, que permitam uma melhoria dos indicadores de produção e produtividade, é feita buscando preservar um modo de vida muito particular, conforme identificou Ribeiro (2009).

Essa abdicação às tecnologias e ao uso de insumos, entendida como uma irracionalidade do ponto de vista técnico-produtivo deve ser compreendida como uma racionalidade de longo prazo do pecuarista, que busca não praticar ações que possam comprometer o patrimônio atual e para as gerações futuras. Nestes casos, a preservação do estabelecimento, para ser transmitida pelo menos a uma geração de sucessores, é um dos principais objetivos destes pecuaristas.

Por outro lado, em função da dificuldade de mecanização e melhoria dos solos, ou mesmo pela sua própria racionalidade, é pertinente mencionar que os “pecuaristas familiares” são atores sociais incontornáveis para a manutenção do bioma Pampa, seriamente ameaçado de extinção.

## **Considerações finais**

O ponto de partida desse estudo está baseado no entendimento de que a organização do estabelecimento agrícola pressupõe a compreensão dos aspectos técnico-produtivos e as características dos pecuaristas. Também foram consideradas as relações que se estabelecem entre os pecuaristas, O entorno e as particularidades regionais. Entendido dessa forma, buscou-se caracterizar e analisar os pecuaristas de base familiar do Rio Grande do Sul.

As constatações mais gerais dão conta de que a dinâmica dos pecuaristas de base familiar envolvidos com a criação de bovinos de corte está estreitamente relacionada com fatores que ultrapassam a esfera dos aspectos técnico-produtivos e oportunidades de mercado. Assim, foi possível identificar que as relações ligadas à tradição familiar e modos de vida se constituem em

objetivos e elementos suficientes para justificar a permanência da propriedade e a criação de bovinos, mesmo com um baixo uso de tecnologias e o retorno financeiro baixo, e muitas vezes, negativo.

Ainda que essa pesquisa se constitua em um “panorama” dos estabelecimentos pecuários de base familiar, relacionado ao período 2003/2004, e, portanto não se tenha elementos para comparações, em dois ou mais momentos no tempo, do ponto de vista técnico-produtivo, o perfil dos solos e as possibilidades relacionadas ao uso da terra possuem uma influência significativa no desempenho dos estabelecimentos analisados. Também contribuem sobremaneira para essa configuração situações relacionadas aos ingressos de recursos advindos de outras fontes de renda, e as características e objetivos dos pecuaristas.

A grande maioria dos pecuaristas de base familiar, para fazerem frente aos períodos de crise, procura reduzir imediatamente os custos de produção, normalmente baixos, em decorrência de uma baixa inversão em tecnologia. Desta forma, seguem atuando de maneira extensiva, aos moldes tradicionais, e dependendo basicamente dos recursos naturais. A relação entre preços do gado e o custos dos insumos são determinantes para a manutenção deste tipo de pecuarista, que privilegia a não realização de investimentos mais significativos, uma vez que sua racionalidade mais latente é evitar o endividamento e a de não comprometer o patrimônio no longo prazo.

É inegável a expressividade do ingresso de outros tipos de renda, uma vez que estão presentes em mais de 80% dos estabelecimentos considerados na pesquisa. Em muitos estabelecimentos essas rendas são a garantia da reprodução social, e ainda, muitas vezes, funcionam como financiadores das atividades agrícolas. Em outras a eficiência produtiva e a obtenção de rendas expressivas na bovinocultura de corte é um objetivo secundário. Não raro, as razões que induzem esses pecuaristas a manterem a propriedade da terra e o rebanho, está relacionada à tradição, a satisfação pessoal e a um estilo de vida. Quando isso ocorre, tende a predominar os modos de produção tradicionais, ou seja, a atividade é conduzida aos moldes extensivos e fortemente tributária das condições naturais.

No âmbito dos estudos rurais, as particularidades regionais assumem um papel relevante e é um elemento importante na configuração dos estabelecimentos agrícolas. De um modo geral, a distribuição espacial dos pecuaristas nas respectivas regiões, está relacionada com as possibilidades que se apresentam em função do perfil do relevo, dos solos e do clima. Em regiões de relevo menos dobrado, com solos mais férteis e aptos ao uso de mecanização, a diversificação de atividades produtivas permite ao pecuarista configurar seus sistemas de criação ou de cultivo, visando adequá-los às tendências do mercado; muito

embora, nem todos os pecuaristas que reúnem as condições edafoclimáticas para a implantação de lavouras ou arrendamento de terras, efetivamente realizam esses procedimentos. Desta forma, a distribuição espacial dos pecuaristas considerados na pesquisa, demonstra que a tradicional regionalização do estado em uma Metade Sul basicamente “pecuária” e uma Metade Norte “Agrícola” pouco se aplica para explicar a dinâmica atual, não só da pecuária, como das atividades de lavoura, no Rio Grande do Sul.

Ainda que o estudo não tenha como objetivo uma análise do ponto de vista ambiental, é importante ressaltar que as possibilidades de preservação do bioma Pampa tende a estar fortemente relacionada aos pecuaristas de base familiar. Isso ocorre em decorrência desse tipo de pecuarista realizar suas atividades produtivas baseadas nos recursos naturais, na maioria das vezes, seja em função das condições de solos e relevo, assim como de racionalidade produtiva, com pouca intervenção nestes sistemas. Neste contexto, a utilização do campo nativo como o principal recurso de produção, tende a constituir o “pecuarista familiar” em um ator decisivo para a preservação desse bioma fortemente ameaçado pela expansão das áreas de lavoura e pelo florestamento em escala comercial de espécies arbóreas exóticas.

## Referências

- ANDREATTA, T. *Bovinocultura de corte no Rio Grande do Sul: um estudo a partir do perfil dos pecuaristas e organização dos estabelecimentos agrícolas*. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2009.
- ASSOCIAÇÃO Rio-Grandense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural; Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural. *Estatísticas sobre área plantada no ano 2005*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por tanice.andreatta@ufrgs.br. em 20 jan. 2009.
- BIERHALS, J. D.; FERRAZ, J. C. *Anuário da Pecuária Brasileira*. São Paulo: Instituto FNP, 2008, p. 34-40.
- BILLAUD, J. P. Inventar uma ética profissional: as regras de um jogo obrigatório. In: LAMARCHE, H. (Org.). *A agricultura familiar: Comparação Internacional. Do Mito à Realidade*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p. 175-205.
- CEZAR, I. M. *Participatory knowledge information system for beef farmers - a case; of Ecology and Resource Management*, University of Edinburgh, Edinburgh, 1999.
- CHIA, E. et al. Comprender, dialogar, coproducir: reflexiones sobre el asesoramiento en el sector agropecuario. *Agrociência*, Montevideú, v. 7, n. 1, p. 77-91, 2003.
- COTRIM, M. *Pecuarista Familiar na região da “Serra do Sudeste” do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a origem e socioagronômica do pecuarista familiar no município de Canguçu/RS*. 2003. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade



Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2003.

COSTA, F. P.; REHMAN, T. Exploring the link between farmers' objectives and the phenomenon of pasture degradation in the beef production systems of Central Brazil. *Agricultural Systems*, Great Britain, v. 61, n. 2, p. 135-146, 1999.

DENT, J. B.; EDWARDS-JONES, G.; MCGREGOR, M. J. Simulation of ecological, social and economic factors in agricultural systems. *Agricultural Systems*, Great Britain, v. 49, n. 4, p. 337-351, 1995.

DOSSA, D. A compreensão do funcionamento técnico-econômico da propriedade rural: uma aplicação da Teoria do Comportamento Adaptativo dos Produtores (TCAP). In: CONGRESSO BRASILEIRO DA ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 35., 1997, Natal. *Anais...* Natal: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 1997. p. 640-652.

EDWARDS-JONES, G. Modelling farmer decision-making: concepts, progress and challenges. *Animal Science*, Cambridge, v. 82, p. 783-790, 2006.

EDWARDS-JONES, G.; MCGREGOR, M. J. The necessity, theory and reality of developing models of farm households. In: DENT, J. B.; MACGREGOR, M. (Org.). *Rural and farming systems analysis*. Edinburgh: CAB International, 1994. p. 338-352.

FONTOURA, L. F. M. *Macanudo Taurino: uma espécie em extinção? Um estudo sobre o processo de modernização na pecuária da campanha gaúcha*. 2000. Tese (Doutorado em Geografia Humana). Instituto de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

GASSON, R. Goals and values of Farmers. *Journal of Agricultural and Resource Economics*, v. 24, p. 521-537, 1973.

HAIR JR., J. F. et al. *Análise Multivariada de Dados*. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Agropecuário de 2006: agricultura familiar, primeiros resultados*. Rio de Janeiro: IBGE, 2009.

LAMARCHE, H. *Agricultura familiar: comparação internacional. Uma realidade multi-forme*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

MIELITZ NETTO, C. A. G. *Modernização e diferenciação na bovinocultura de corte brasileira*. 1994. Tese (Doutorado em Economia). Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

MIGUEL, L. Abordagem sistêmica da unidade de produção agrícola. In: WAGNER, S. A. et al. (Org.). *Gestão e planejamento de unidades de produção agrícola*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2009. p. 11-17. (Série Ead).

NABINGER, C. Manejo e produtividade das pastagens nativas do subtropico brasileiro. In: SIMPÓSIO DE FORRAGEIRAS E PRODUÇÃO ANIMAL, 2., 2006, Canoas. *Anais...* Canoas: Editora da ULBRA, 2006. p. 25-76.

OCAÑA, A. R. *Propuesta metodológica para el análisis de la toma decisiones de los agricultores: aplicación al caso del regadío extensivo cordobés*. Tesis (Doctoral). Escuela Técnica Superior de Ingenieros Agrónomos y de Montes, Universidad de Córdoba, Córdoba, 1996.

ONDERSTEIJN, C. J. M.; GIESEN, G. W. J.; HUIRNE, R. B. M. Identification of farmer characteristics and farm strategies explaining changes in environmental manage-

ment and environmental and economic performance of dairy farms. *Agricultural Systems*, Great Britain, v. 78, n. 1, p. 31-55, 2003.

\_\_\_\_\_. Perceived environmental uncertainty in Dutch dairy farming: The effect of external farm context on strategic choice. *Agricultural Systems*, Great Britain, v. 88, n. 2-3, p. 205-226, jun. 2006.

RIBEIRO, C. M. *Estudo dos modos de vida dos pecuaristas familiares da região da Campanha do Rio Grande do Sul*. 2009. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

\_\_\_\_\_. Pecuária familiar na região da campanha do Rio Grande do Sul. *Série Realidade Rural*, Porto Alegre, v. 34, p. 11-45, 2003.

SANDRINI, G. B. D. *Processo de inserção dos pecuaristas familiares do Rio Grande do Sul na cadeia produtiva da carne*. 2005. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2005.

SEBRAE; SENAR; FARSUL. *Diagnóstico de sistemas de produção de bovinocultura de corte do estado do Rio Grande do Sul*. Relatório de Pesquisa. Porto Alegre: Centro de Estudos e Pesquisas Econômicas/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

SILVA, J. G. D.; DEL GROSSI, M. E.; CAMPANHOLA, C. Novo Rural Brasileiro: Uma atualização. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 43., 2005, Ribeirão Preto. *Anais...* Ribeirão Preto: Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2005. CD ROOM.

SUERTEGARAY, D. M. N.; GUASSELLI, L. A. Paisagens (imagens e representações) do Rio Grande do Sul. In: VERDUM, R.; BASSO, L. A.; SUERTEGARAY, D. M. N. (Org.). *Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. p. 27-38.